

JESUS E O JEJUM

[Estudo 10 - Marcos 2.18-22]

Na passagem anterior (Mc 2.13-17), Jesus foi criticado por comer na casa de Levi juntamente com cobradores de impostos e pecadores. Agora, Ele e Seus discípulos são criticados por não jejuar como os discípulos de João e os discípulos dos fariseus (Mc 2.18-22). Os fariseus jejuavam para demonstrar uma piedade que não existia e os discípulos de João para demonstrar sua tristeza pelo pecado. Então, “comer ou não comer?” Os inquiridores de Jesus estavam mais preocupados em manter os rituais que eram a essência de sua religião.¹⁸¹ Eles consideravam o jejum como uma disciplina espiritual que de alguma forma ganhava o favor de Deus.

Entretanto, Jesus responde, não dizendo se o jejum não era necessário ou apropriado, mas que seria impróprio para os Seus discípulos jejuarem enquanto Jesus estivesse com eles. Então, para ilustrar a Sua resposta, Jesus utiliza três pequenas parábolas: a festa de casamento, a costura de panos novos ou velhos e a utilização de odres novos ou velhos. Como veremos, Lucas acrescenta uma quarta analogia: “... ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo” (Lc 5.39).

I. O conflito

“Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Vieram alguns e lhe perguntaram: Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?” (Mc 2.18).

Nos três Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), o conflito entre Jesus e seus acusadores aparece imediatamente após o jantar na casa de Mateus. Ou seja, possivelmente, o debate sobre o jejum aconteceu imediatamente após a festa na casa de Levi, o cobrador de impostos que fora chamado como discípulo (Mc 2.14).¹⁸² Porém, desta vez, os fariseus não estavam sozinhos. Marcos diz que eles estavam acompanhados dos “discípulos de João”. Assim, representantes de ambos os grupos participaram desse encontro com Jesus.

É muito estranho saber que os discípulos de João estavam ao lado dos fariseus. O próprio João Batista havia pregado corajosamente no deserto e conduzido seus ouvintes a Cristo (Mc 1.7; Jo 1.36-37; Jo 1.29; 3.28-30; 5.33). Como o arauto do Messias, João batizou o Senhor Jesus depois de proclamar fielmente a Sua chegada (Mc 1.9-11). Naquela ocasião, o profeta viu o Espírito Santo descer sobre Jesus e ouviu a voz do Pai dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.13-17). Além disso, João não relutou em confrontar os escribas e

¹⁸¹ Dewey M. Mulholland. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, p. 60.

¹⁸² Grassmick, J. D. (1985). Mark. In J. F. Walvoord & R. B. Zuck (Orgs.), *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures* (Vol. 2, p. 113-114). Wheaton, IL: Victor Books.

fariseus (cf. Mt 3.7).¹⁸³ Então, por que alguns de seus seguidores se juntaram aos fariseus para confrontar a Jesus?

Provavelmente, nem todos os seguidores de João Batista soubessem que Jesus era o Messias. João Batista ministrou a dezenas de milhares de pessoas que viajavam de Jerusalém e de todo Israel para ouvi-lo pregar no deserto e ser batizado por ele no rio Jordão (Mc 1.5). Nem todos os seus seguidores estiveram presentes quando João batizou a Jesus. Quase trinta anos depois do batismo de Jesus, o apóstolo Paulo encontrou um grupo de discípulos de João que ainda não sabia que Jesus era aquele a quem o ministério de João apontava (At 19.1-7).¹⁸⁴

Além disso, João Batista era um homem austero e um tanto recluso; Jesus, porém, aceitava convites para banquetes, brincava com as crianças e gostava de reuniões sociais (Mt 11.16-19). Sem dúvida, os discípulos de João devem ter ficado um pouco escandalizados ao ver Jesus em festas, e os discípulos zelosos dos fariseus (Mt 23.15) não tardaram a expressar a mesma perplexidade.¹⁸⁵ Quaisquer que sejam as razões, os discípulos de João se juntaram aos fariseus para confrontar a Jesus acerca do jejum.

“... Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?” (Mc 2.18).

A palavra “jejum” (*nesteuo*, em grego) significa literalmente “abster-se de comida e bebida”. A palavra é composta do prefixo negativo “não” (*ne*, em grego) e o verbo “comer” (*esthio*, em grego).¹⁸⁶ O jejum é a abstinência de comida para algum propósito espiritual.

Havia apenas um dia obrigatório de jejum. A Lei de Moisés ordenava apenas um jejum anual (Lv 16.29-31), *Yom Kippur*, o Dia da Expição. Esse é o único dia em que os judeus deveriam jejuar. Nesse dia o povo afligia a sua alma e sentia profunda tristeza. Mas os fariseus orgulhosamente jejuavam duas vezes por semana (Lc 18.12), as segundas e quintas-feiras.¹⁸⁷ Para eles, esse sinal de lamentação pelos pecados ganhava a aprovação de Deus em preparação ao dia do julgamento. Eles não somente praticavam e ensinavam o jejum, mas em seu papel de defensores das tradições, protestavam quando outros não o faziam.¹⁸⁸ Mas, como declarou o Senhor Jesus, eles faziam do jejum um grande teatro, porque desfiguravam o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuavam (Mt 6.16).

¹⁸³ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 126–127). Chicago, IL: Moody Publishers.

¹⁸⁴ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 127). Chicago, IL: Moody Publishers.

¹⁸⁵ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 116). Wheaton, IL: Victor Books.

¹⁸⁶ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 227). Nashville, TN: T. Nelson.

¹⁸⁷ Guelich, R. A. (1998). *Mark 1–8:26* (Vol. 34A, p. 108–109). Dallas: Word, Incorporated.

¹⁸⁸ Dewey M. Mulholland. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, p. 61.

Além do Livro de Levítico, a prática do jejum aparece em diversas ocasiões no Antigo Testamento (por exemplo, Jz 20.26; 1Sm 7.6; 31.13; 2Sm 1.12; 12.16; 1Rs 21.27; 2Cr 20.3; Ed 8.21, 23; Ne 1.4; 9.1; Et 4.1-3; Sl 69.10; Dn 9.3; Jl 1.13-14; 2.12, 15). Em todas essas ocasiões o jejum está relacionado com o sofrimento, a tristeza pelo pecado e a busca sincera da comunhão com Deus. O jejum motivado simplesmente por uma autojustiça orgulhosa ou um ritualismo pragmático era totalmente rejeitado por Deus (Is 58.3-4).¹⁸⁹ O jejum genuíno sempre nos levará a examinar nossos corações para ter certeza de que tudo está bem em nosso relacionamento com o Pai (cf. At 23.12,13).

Assim, os discípulos dos fariseus e os discípulos de João Batista não possuíam nenhuma razão para questionar a Jesus acerca da prática do jejum. Eles sabiam que o único jejum que poderia ser derivado da Lei de Deus era o do Dia da Expição e que de acordo com o ensino de Isaías 58.6, 7 e Zacarias 7.1-10, não era um jejum literal que Deus requeria, mas o amor, tanto no sentido vertical, quanto horizontal.¹⁹⁰ Ao responder os críticos (Mc 2.19-22), Jesus defende o procedimento dos discípulos, justificando a conduta deles à luz de algo novo. Para ser mais específico: *alguém novo*.¹⁹¹

II. A resposta de Jesus

“Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar” (Mc 2.19).

Jesus aproveita a oportunidade para ensinar sobre algo muito mais significativo do que o jejum. Ele aproveita para ensinar sobre o Reino de Deus. Como nas duas passagens anteriores, Jesus choca os seus adversários ao se afastar da religião convencional. Ele defende os Seus discípulos por meio de uma parábola: *“Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?” (Mc 2.19)*. A festa de casamento é um momento de alegria e não de tristeza, momento de banquete, não de jejum!

Não havia momento mais feliz no mundo antigo do que um casamento. Em nossos dias, uma festa de casamento dura apenas algumas horas. Normalmente, depois da cerimônia na igreja, os convidados se dirigem para um cerimonial onde uma festa foi preparada para receber a todos os amigos. Depois da festa, os noivos se despedem e vão para a tão sonhada lua de mel.

No entanto, no mundo antigo, o casamento era bem diferente. Um típico casamento judeu durava sete dias. O casamento era realizado na casa do noivo, e o casal ficava lá com os convidados durante uma semana inteira de festa. Em uma

¹⁸⁹ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 128). Chicago, IL: Moody Publishers.

¹⁹⁰ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 133.

¹⁹¹ Dewey M. Mulholland. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, p. 61.

cultura onde a vida era difícil, e não havia muita celebração, a festa do casamento era um dos momentos festivos mais alegres em suas vidas. Não era um momento de jejum. Era um momento de alegria.

Deste modo, os discípulos de Jesus (os convidados para o casamento) não estavam jejuando porque a presença de Jesus é semelhante à festa de casamento: ela traz alegria e não lamentação.¹⁹² Embora o Antigo Testamento nunca se remeta diretamente ao Messias como noivo, faz isso indiretamente, referindo-se a Israel como a noiva do Senhor (Is 62.4-5; Jr 2.2; Os 2.16-20). Jesus enriqueceu essa imagem ao se referir como “o noivo” (Mt. 9.15; 25.1-13; Lc 5.34-35; Jo 3.29). E o Novo Testamento descreve a igreja como a noiva de Cristo (Ef 5.32; Ap 19. 7; 21.2, 9; 22.17).¹⁹³

“Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; e, nesse tempo, jejuarão” (Mc 2.20).

A declaração de Jesus sobre as alegrias de uma festa de casamento termina em uma nota ameaçadora: *“Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; e, nesse tempo, jejuarão” (Mc 2.20)*. Esta é a primeira vez no Evangelho de Marcos que Jesus fala de Sua morte iminente.

Jesus declara aos líderes religiosos que o “noivo” será tirado inesperadamente. O verbo “tirar” (*apairo, em grego*) transmite a ideia de uma remoção súbita, violenta e serve como uma referência clara à crucificação de Jesus (cf. Is 53.8).¹⁹⁴ Jesus sabia que deveria enfrentar o sofrimento em nome de Seu rebanho. Naquele momento, a dor, o luto e o jejum seriam justificados (cf. Jo 16.20-22).

Assim, a celebração experimentada na festa de casamento celestial somente é possível porque o “noivo” estava disposto a morrer por Seus amigos (cf. Jo 10.11, Rm 5.6-11).¹⁹⁵ No entanto, essa tristeza não será de longa duração. A alegria da ressurreição transformará todo sofrimento e tristeza.

¹⁹² Dewey M. Mulholland. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, p. 61.

¹⁹³ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 130). Chicago, IL: Moody Publishers.

¹⁹⁴ Vine, W. E., Unger, M. F., & White, W., Jr. (1996). *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words* (Vol. 2, p. 616). Nashville, TN: T. Nelson.

¹⁹⁵ Garland, D. E. (1996). *Mark* (p. 105). Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.

III. Algumas ilustrações

Através de duas ilustrações tiradas do cotidiano, “panos” e “odres”, o Senhor Jesus deixa claro que não era coerente os discípulos jejuarem agora, como se, com a vinda de Cristo, uma grande calamidade tivesse vindo sobre eles.¹⁹⁶ Jesus utilizou três analogias ou “parábolas” (Lc 5.36). Mateus (9.16-17) e Marcos (2.21-22) registram as duas primeiras analogias, enquanto Lucas inclui uma terceira (Lc 5.39). Juntas, essas analogias ilustram que a verdadeira mensagem de salvação é totalmente incompatível com qualquer sistema falso de obras, incluindo o legalismo judaizante.¹⁹⁷

A. Remendo de pano novo em veste velha

“Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura” (Mc 2.21).

A tentativa de unir a novidade do Evangelho à antiga religião do judaísmo é tão inútil como a tentativa de remendar uma roupa velha com um pano novo e não apropriado.¹⁹⁸ Naquela época, as roupas eram feitas de algodão ou de lã. Tecidos que encolhiam com facilidade. Se você tivesse uma veste velha com um grande buraco e remendasse com um pedaço de pano novo, depois de lavar, o remendo encolheria e rasgaria a veste. O resultado seria um buraco ainda maior: *“porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura”*. A melhor maneira era remendar com um pedaço de pano velho.

Da mesma forma, o verdadeiro Evangelho não pode ser anexado com sucesso à roupa esfarrapada de uma religião superficial tão orgulhosa pelos escribas e fariseus. Deus havia declarado através do profeta Isaías que os rituais e as cerimônias judaizantes eram como trapos de imundícia (Is 64.6).¹⁹⁹ O que Jesus estava dizendo é que a salvação trazida por Ele não tinha nada a ver com jejuns desprovidos de alegria.²⁰⁰ Suas boas novas não podem ser usadas para remendar seu tradicionalismo desgastado.²⁰¹ O novo que Jesus traz é incompatível com o antigo. Jesus não veio para remendar a roupa velha - a antiga aliança. Ele veio para apresentar um novo vestuário - uma nova aliança. Isso não significa que Jesus esteja rejeitando a Lei do Antigo Testamento. Pelo contrário, na verdade, Ele rejeita o mau uso e as distorções da tradição (Mt 15.3-6). Jesus não veio para destruir a

¹⁹⁶ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 135.

¹⁹⁷ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 132). Chicago, IL: Moody Publishers.

¹⁹⁸ Grassmick, J. D. (1985). Mark. In J. F. Walvoord & R. B. Zuck (Orgs.), *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures* (Vol. 2, p. 114). Wheaton, IL: Victor Books.

¹⁹⁹ MacArthur, J. (2015). *Mark 1–8* (p. 132). Chicago, IL: Moody Publishers.

²⁰⁰ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 136.

²⁰¹ Dewey M. Mulholland. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999, p. 62.

Lei, mas para cumpri-la (Mt 5.17-19). Além disso, o apóstolo Paulo declarou que a Lei de Deus é justa e boa (Rm 7.16;).

B. Vinho novo em odres velhos

“Ninguém põe vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho romperá os odres; e tanto se perde o vinho como os odres. Mas põe-se vinho novo em odres novos” (Mc 2.22).

Assim como um pedaço de pano novo remendado é capaz de destruir uma roupa velha, o vinho novo é capaz de destruir os odres velhos. O vinho era armazenado no antigo Israel em recipientes feitos de pele animal (cf. Js 9.4, 13). Os odres eram feitos do couro inteiro de animais domésticos como cabritos ou cabras. À medida que o vinho novo começava a fermentar, o gás seria liberado, fazendo com que as peles de couro se expandissem. Com o tempo, os odres endureciam e perdiam a elasticidade. Um odre velho, que perdeu sua elasticidade, poderia quebrar durante o processo de fermentação. Conseqüentemente, se perde totalmente tanto o odre quanto o vinho. Para evitar isso, o vinho novo deveria ser colocado em odres novos - recipientes que possuíam força e flexibilidade para segurar o vinho fermentado.²⁰²

Em outras palavras, as boas novas da salvação não podiam ser derramadas nos odres quebradiços e rachados do judaísmo. A salvação não é um remendo parcial na vida de alguém, mas uma nova vestimenta completa de justificação (Is 61.10; 2Co 5.21). A vida cristã não é uma mistura do velho e do novo; pelo contrário, é o cumprimento do velho no novo.²⁰³ O verdadeiro Evangelho é antitético para qualquer sistema de salvação por obras (Rm 11.6; Gl 5.4).²⁰⁴ O Evangelho do perdão pela graça, através da fé somente em Cristo, não pode ser colocado em uma pele seca e quebradiça das obras. Os fariseus e os escribas eram as velhas peles. Eles eram a roupa velha que não podia conter o Evangelho. A salvação, disponível através de Jesus, não deve ser misturada com o antigo sistema judaico (cf. Jo 1.17).

C. Vinho novo em odres velhos

“E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente” (Lc 5.39).

Lucas registra uma terceira parábola que Jesus compartilhou nesta ocasião: *“E ninguém, tendo bebido o vinho velho, prefere o novo; porque diz: O velho é excelente” (Lc 5.39)*. Essa última ilustração representava a condição perdida dos escribas e fariseus. Seu gosto pelo antigo impediu-os de aceitar o novo vinho do

²⁰² MacArthur, J. (2015). *Mark 1-8* (p. 132-133). Chicago, IL: Moody Publishers.

²⁰³ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 118). Wheaton, IL: Victor Books.

²⁰⁴ MacArthur, J. (2015). *Mark 1-8* (p. 133). Chicago, IL: Moody Publishers.

Espírito que estava disponível em Cristo. Eles estavam entorpecidos em seus antigos caminhos, a falsa religião, e não desejavam o novo. Estavam tão profundamente enraizados em rituais e cerimônias que era difícil para eles abandoná-los. A pessoa que está acostumada com o vinho antigo não desejará o novo, mas permanecerá satisfeita com o antigo.

Assim, a resposta de Jesus ao recitar as três parábolas foi mostrar que o novo caminho (Seu caminho) e o caminho antigo (o caminho de João e os fariseus) simplesmente não se misturam. O ensino de Jesus foi considerado pelos fariseus e líderes religiosos como um vinho novo, e eles não queriam fazer parte dele (Lc 5.39).

Todo o Antigo Testamento aponta para Cristo. Jesus cumpriu as profecias, os tipos e os preceitos da Lei de Moisés. A Lei terminou no Calvário, quando um sacrifício perfeito foi oferecido pelos pecados do mundo de uma vez por todas (Hb 8-10). Lamentavelmente, assim como os líderes religiosos na época de Jesus, algumas pessoas até hoje se agarram a tradições religiosas mortas, quando poderiam abraçar uma verdade espiritual viva. Por que se apegar a sombras quando a realidade está presente? (Hb 10.1).²⁰⁵ A tradição religiosa não pode salvar. Somente Cristo!

Conclusão:

Os fariseus e os discípulos de João Batista se concentraram nas tradições e perderam o significado de quem estava diante deles, o Filho de Deus. Eles tentaram ensinar a Jesus quando, na verdade, deveriam ter escutado o que Ele tinha a dizer. Eles tentaram conduzi-Lo em seus caminhos em vez de se conformar nos caminhos de Deus. Eles falharam terrivelmente!

Jesus não estava contra o jejum. Mas, quando um cristão deve jejuar? Normalmente, a decisão de jejuar é pessoal. É uma relação íntima entre o cristão e Deus. Um cristão pode praticar o jejum quando há uma preocupação espiritual ou uma luta em sua vida (At 9.9; 13.2, 3; 14.23). Claro que haverá situações onde os líderes convocarão o povo para orar (2Cr 20.3). O objetivo do jejum é depender menos do alimento e mais de Deus.

Mas, a natureza do ministério de Jesus estabelece reivindicação implícita da presença de algo novo, a nova era da salvação. Esta afirmação não é apenas evidente em sua alimentação com cobradores de impostos e pecadores (Mc 2.13-17), sua cura dos doentes (Mc 2.1-12), mas, até mesmo no estilo de vida de Seus discípulos.²⁰⁶ Para a indignação dos fariseus, esse tema continua na história seguinte onde Jesus vai declarar que também é o Senhor do sábado.

²⁰⁵ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 118). Wheaton, IL: Victor Books.

²⁰⁶ Guelich, R. A. (1998). *Mark 1-8:26* (Vol. 34A, p. 117). Dallas: Word, Incorporated.